

Setúbal Arqueológica
vol. 20



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Coordenação
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares



Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

Propriedade	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
Direcção	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Coordenação do volume	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Capa	Ana Castela
Desenho de campo	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa [†] , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
Desenho de materiais	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
Mapas	Paula Covas
Fotografia	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
Inventário	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
Restauro	Paula Palmeira
Paginação e artes finais	Ana Castela e Paula Covas
Impressão	Tipografia Belgráfica Lda.

Informações e permutas Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 494630/22

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2021
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em
open access: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

LISTA DE AUTORES

Adriana Leite

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

Ana Elisabete Pires

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
ana.elisabete.pires@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

Anders Götherström

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

Antónia Coelho-Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
antonia.c.soares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

Carlos Tavares da Silva

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
ctavaressilva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

Catarina Ginja

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
catarinaginja@cibio.up.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

Cleia Detry

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
cleiadetry@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

Elisa de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

João Pimenta

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX).
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
joao.marques@cm-vfxira.pt
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

Joaquina Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
joaquinasoares1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

José Antonio Correa Rodríguez

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla
jacorrea@us.es

Maria Leonor Ferreira

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

Noé Conejo

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
nconejo@us.es
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

Ricardo Miguel Godinho

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

Silvia Valenzuela-Lamas

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

Susana Duarte

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
cea.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

Susana Estrela

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
estrela.susana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

Teresa Rita Pereira

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
t.pereira.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

Vincenzo Soria

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
vinso84@hotmail.it
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>

ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Antónia Coelho-Soares
Susana Duarte
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**
Ricardo Miguel Godinho
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**
Cleia Detry
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**
Maria Leonor Ferreira
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
Cleia Detry
Silvia Valenzuela-Lamas
Anders Götherström
Ana Elisabete Pires
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum
Elisa de Sousa
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura
Teresa Rita Pereira
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva

Chibanes. Cerâmica de paredes finas

Antónia Coelho-Soares*

1. Contexto

1.1. As escavações arqueológicas realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal no Castro de Chibanes entre 1996 e 2017 exumaram 219 fragmentos (NMI = 80) de cerâmica de paredes finas, distribuídos pelos níveis das fases de Chibanes IIIA, datável do final do século II a.C. e primeiro quartel do século seguinte (61 fragmentos: NMI = 22); Chibanes III B, do segundo quartel e meados do século I a.C., talvez até 40 a.C. (118 fragmentos: NMI = 41); e fase indeterminada – camadas superficiais (40 fragmentos: NMI = 17).

Ambas as referidas fases, mas principalmente a primeira, foram marcadas pela presença militar romana. Na fase Chibanes IIIA, na extremidade ocidental do castro, escavou-se um fortim que, na segunda fase da ocupação romano-republicana (Chibanes IIIB) foi segmentado em compartimentos com carácter doméstico, aspecto que se estende a outras áreas do sítio, revelando estado de pacificação acompanhado de aumento demográfico (cf. Cap. III).

Nos dois períodos da ocupação romano-republicana, os contingentes militares ter-se-iam instalado em Chibanes no seio de uma comunidade indígena caracterizada culturalmente por forte tradição sidérica.

De notar que além dos contextos estratigráficos correspondentes às fases Chibanes IIIA e IIIB (cf. Cap. II), é possível considerar a existência de uma quarta fase de ocupação (Chibanes IV), por enquanto sem contextos definidos e com expressão somente nas camadas superficiais. Estas, com efeito, além de conterem materiais do Calcolítico e Bronze antigo (Chibanes I), da Idade do Ferro final (Chibanes II) e do Período Romano Republicano (Chibanes III), possuem também, embora em número reduzido e

disperso, peças da Época Imperial. Trata-se, sem dúvida, de vestígios de ocupações esporádicas, de curta duração, mas de larga diacronia, ainda que com soluções de continuidade, visto existirem materiais que se estendem desde os alvares do Império (por exemplo: pequenos fragmentos de *terra sigillata* itálica) aos séculos IV/V, como a ânfora Almagro 51c.

1.2. A cerâmica de paredes finas recolhida em Chibanes encontra-se muito fragmentada o que dificulta grandemente a identificação dos tipos morfológicos. O “grau de fragmentação” cria ainda problemas de contextualização estratigráfica, posto que a reduzida dimensão da maior parte dos fragmentos facilita a sua migração descendente ou ascendente, mascarando deste modo a sua verdadeira localização estratigráfica.

As condições de jazida, caracterizadas por terrenos em geral argilosos e ácidos, criaram-nos igualmente limitações no estudo deste material, pois impedem uma boa conservação das superfícies.

Por outro lado, temos sérias dúvidas quanto à identificação geográfica dos centros de produção pretensamente conseguida a partir de simples análises macroscópicas das pastas. Teremos de aguardar a realização de análises arqueométricas sistemáticas em centros quer de produção quer de consumo para identificarmos com rigor os primeiros a partir do estudo da cerâmica de paredes finas obtida nos segundos (cf. Faga, 2010). Deste modo, e não obstante termos procedido, como é habitual entre nós, à análise macroscópica das pastas, optámos por organizar esta nótula dando prioridade à morfotipologia, à semelhança, aliás, do praticado pelos mais destacados estudiosos deste domínio: Marabini Moevs, 1973; Mayet, 1975; Ricci, 1985 e López Mullor, 1990, 2008 e 2013.

* MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. antonia.c.soares@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>.

2. Análise macroscópica das pastas

Por análise macroscópica obtivemos os seguintes grupos:

A - Pasta muito depurada (ausência de e.n.p. visíveis à vista desarmada) e compacta:

A1 - Cozedura oxidante:

a) Núcleo e superfícies rosados / avermelhados / acastanhados, por vezes com manchas acinzentadas; superfície externa alisada a bem alisada (muito frequente, Fase IIIA, Tipos Mayet I, Ricci 1/14, 1/12, 1/20; raro na Fase IIIB, Tipo Mayet IIIB).

b) Núcleo castanho-avermelhado e superfícies beges; superfície externa alisada com traços finos horizontais (raro, Fase IIIA, Tipo Ricci 1/14).

A2 - Cozedura redutora:

a) Núcleo e superfícies cinzentas / negras; superfície externa bem alisada (raro, Fase IIIB, Tipo Ricci 1/14), por vezes com vestígios de polimento (raro, Fase IIIA, Tipo Ricci 1/194).

b) Núcleo e superfícies cinzentas com manchas castanho-avermelhadas; superfície externa alisada (raro, Fase IIIB, Ricci 1/16).

B - Pasta depurada (e.n.p.) pouco frequentes observáveis à vista desarmada) compacta:

B1- Cozedura oxidante:

a) Núcleo e superfícies rosadas ou acastanhadas; superfície externa alisada e bem alisada (pouco frequente, Fase IIIA, Tipos Ricci 1/14 e 1/20; frequente, Fase IIIB, Tipos Mayet I e Ricci 1/20).

b) Superfícies rosadas com manchas beges; superfície externa bem alisada (raro, Fase IIIB, Tipo Ricci 1/16).

c) Núcleo bege, superfície externa bege rosada e superfície interna com aguada vermelha (raro, Fase IIIB, tipo Mayet IIIB).

B2- Cozedura redutora-oxidante (núcleo cinzento e superfícies rosadas / avermelhadas; superfície externa alisada a bem alisada (pouco frequente, Fase IIIB, Tipos Ricci 1/20 e Mayet IV).

C - Pasta pouco depurada (numerosos e.n.p visíveis à vista desarmada) e compacta:

C1- Cozedura oxidante:

a) Núcleo e superfícies rosados ou bege-rosados; superfície externa alisada (raro, Fase IIIA, Tipos Ricci 1/14 e Mayet III).

b) Núcleo rosado, superfície externa vermelha com manchas cinzentas e superfície interna bege; superfície externa alisada-tosca (raro, Fase IIIB, Tipo Ricci 1/20).

c) Núcleo bege, superfície externa bege e superfície

interna rosada; superfície externa alisada (raro, Fase IIIB, tipo Ricci 1/20).

d) Núcleo rosado e superfícies beges; superfície externa alisada, bege (raro, Fase IIIB, Ricci 1/20).

C2 - Cozedura redutora-oxidante:

a) Núcleo cinzento e superfícies beges com manchas cinzentas; superfície externa alisada (pouco frequente, Fases IIIA e IIIB, Tipos Ricci 1/14 e Mayet III).

b) Superfícies beges claras; superfície externa alisada (raro, Fase IIIB, Tipo Ricci 1/20).

c) Superfícies beges rosadas; superfície externa alisada (pouco frequente, Fase IIIB, tipo Mayet III).

d) Superfície externa bege e superfície interna rosada; superfície externa alisada-tosca (raro, Fase IIIB, Tipo Ricci 1/20).

3. Morfotipologia

Na classificação morfológica, segundo a tipologia de Françoise Mayet (1975), complementada pela de Andreina Ricci (1985), recorremos, com alguma frequência, aos dados fornecidos por M. T. Marabini (1973) sobre contextos estratigráficos de Cosa, bem como a López Mullor (1990, 2008 e 2013) sobretudo quando se trata das produções de paredes finas na Península Ibérica.

FORMA MAYET I

Os n^{os} 1-3 e 26-28 (fabricos A1a e B1a), distribuídos equitativamente pelas Fases IIIA e IIIB, de bordo curto, extrovertido e emoldurado, de perfil em S teriam pertencido a copos fusiformes e altos da Forma I de Mayet, com datas, segundo esta autora (após a análise de numerosos contextos estratigráficos), entre o segundo quartel do século II e o terceiro do século I a.C. (Mayet, 1975, p. 25). Com enorme expansão pela bacia do Mediterrâneo, foi também produzida na Península Ibérica e especialmente em Ibiza, na variante 1b que López Mullor (2008, p. 345) data do período compreendido entre os inícios do século I e a época de Augusto.

FORMA MAYET II

Os níveis das Fases IIIA e IIIB ofereceram, respectivamente, 8 (36,4%) e 5 (12,2%) indivíduos providos de bordos abertos e oblíquos, em geral curtos, que teriam pertencido a copos fusiformes ou ovoides (n^{os} 4-11 – Fase IIIA e n^{os} 29-33 – Fase IIIB); atribuímo-los à forma Mayet II. Esta autora coloca o início da sua produção no último quartel do século II/primeiro quartel do século I a.C. e considera a variante mais antiga, caracterizada por copos fusiformes, contemporânea da Forma

I (Mayet, 1975, p. 26), baseando-se não só nas afinidades morfológicas entre as duas formas, mas também em dados fornecidos por Marabini (1973) ao estudar o material de Cosa. López Mullor sugere, porém, que a forma Mayet II seja mais antiga que a I, tendo começado a ser produzida na Etrúria durante o primeiro quartel do século II a.C. (López Mullor, 2013) e perdurado até à época de Augusto (López Mullor, 1990, p. 99). Na Península Ibérica, e segundo o mesmo autor, foi produzida em numerosas oficinas da costa mediterrânea e nas Baleares a partir do último quartel do século II a.C. (López Mullor, 2013, p. 172; ver também Alemán Izquierdo, 2019), inclusivamente no acampamento da *Legio VII*, em Léon (López Mullor, 2013, p. 156).

No actual território português, onde é muito frequente (por exemplo, na ocupação romana republicana de Alcácer do Sal é a forma mais comum – Sepúlveda, Bolila e Ferreira, 2018), o contexto mais antigo onde está representada situa-se em Monte Molião, com cronologia dos finais do século II e inícios do século I a.C. (Sousa e Arruda, 2018).

A forma Mayet II integra diversas variantes, estando algumas delas documentadas em Chibanes:

Os tipos Ricci 1/14 e 1/361, muito semelhantes, parecem ser os mais antigos, pois reproduzem a variante que Mayet considera próxima da Forma I (Mayet, 1975, p. 27; Ricci, 1985, p. 246). Trata-se de um copo fusiforme cujo bordo (relativamente alto no tipo Ricci 1/361), tende para vertical na sua extremidade superior. Ricci desconhece a sua cronologia, bem como o centro de produção. Em Monte Molião (Sousa e Arruda, 2018, p. 207) ocorre em contexto de finais do século II a.C. e inícios do século seguinte. No território hoje português este tipo têm sido identificados em outros contextos republicanos, como Mesas do Castelhinho (Fabião, 1998, p. 335), Santarém (Arruda e Sousa, 2003, p. 255) e Castro Marim (Angeja e Arruda, 2020).

Em Chibanes, o tipo Ricci 1/14 está representado em níveis das Fases IIIA (n^{os} 4-8, fabricos B1a e C1a) e IIIB (n^{os} 29-33, fabrico A2a).

A variante Mayet II A, cujo bordo, acentuadamente oblíquo, rectilíneo e inclinado para o exterior, assenta sobre um bojo a tender para o globular, integra os tipos Ricci 1/12-1/13 e Ricci/194. Aos dois primeiros poderão pertencer os nossos exemplares, de bojo ainda ovalado (n^{os} 9 e 10, fabricos A1a e C2a) de níveis da Fase IIIA.

O n^o 11 (fabrico A2a), de bojo francamente globular, bordo alto e rectilíneo e inclinado para o exterior, proveniente de nível da Fase IIIA, foi considerado do tipo Ricci 1/194.

Para o início da produção da variante IIA, Mayet (1975, p. 27) sugere (sem qualquer fundamento de ordem estratigráfica) o final do século II a.C., inícios do seguinte. R. Morais (2010, p. 154, Quadro 4) que aceita esta cronologia, prolonga-a até Augusto. No Castelo da Lousa, o tipo Ricci 1/12 é um dos mais frequentes e foi considerado de produção etrusca. A mesma origem foi atribuída aos exemplares de tipo Ricci 1/12 provenientes de Castro Marim (Angeja e Arruda, 2020, p. 116).

FORMA MAYET III

Identificámos como pertencentes a esta forma 24 indivíduos (5 – n^{os} 12-16 – de níveis da Fase IIIA, e 18 – n^{os} 34-49 – da Fase IIIB), reduzidos, na sua quase totalidade, a fragmentos de bordo. Este mostra-se encurvado para o interior, mais ou menos côncavo e em geral alto (cf. Mayet, 1975, p. 29).

O início da produção desta forma pode remontar a meados do século II a.C., como foi observado em Cosa, tendo atingido a época de Augusto (Marabini Moevs, 1973, p. 59; Ricci, 1985, p. 248; López Mullor, 1990, p. 104). No nosso país encontra-se muito bem representada em contextos republicanos, com datas que podem recuar aos finais do século II a.C., como se verificou em Monte Molião (Sousa e Arruda, 2018).

Os exemplares desta forma provenientes de Alcácer do Sal foram considerados de produção etrusca (Sepúlveda, Bolila e Ferreira, 2018); os de Monte Molião parecem ser etruscos, andaluzes e de produção local (Sousa e Arruda, 2018).

O número de variantes da forma Mayet III é elevado, reflectindo os numerosos centros que as produziram.

O protótipo desta forma foi descrito por Ricci (1985, p. 53) através dos tipos 1/20 e 1/362: copo de bojo ovoide e bordo alto e encurvado. Segundo a mesma autora, teria começado a ser produzido no primeiro quartel do século I a.C. na região centro-italiana. Os exemplares quer de Castro Marim (onde o tipo 1/20, 1/362 é o mais frequente) quer do Castelo da Lousa foram considerados de origem etrusca (respectivamente: Angeja, 2017, p. 54; Morais, 2010, p. 155-156). A esta variante pertencerão os n^{os} 13 e 14 (fabricos B1a e A1a), da Fase IIIA e os n^{os} 36-38 (fabricos B1a, C1b, C1c, C2b, C2c e C2d) da Fase IIIB.

Em Chibanes identificámos duas outras variantes: a que corresponde ao tipo 1/16 de Ricci e a IIIB de Mayet.

A primeira, presente apenas em níveis da Fase IIIB (n^{os} 34 e 35, fabricos A2b e B1b), tem sido datada do século I a.C. e caracteriza-se por possuir bojo de tendência ovoide, mas alongado quase cilíndrico, e bordo alto, subvertical e com ligeira concavidade interna.

Ricci (1985, p. 247) localiza a produção do tipo 1/16 em Siracusa, centro a que são também atribuídos os exemplares do Castelo da Lousa (Morais, 2010, Quadro IV); já os de Castro Marim teriam tido origem etrusca (Angeja e Arruda, 2020, p. 114).

A variante Mayet IIIB, que parece surgir somente nos níveis da Fase IIIB (n^{os} 47-49, fabricos A1a, B1c e C2c), possui corpo de tendência esferoidal, bordo internamente côncavo, mas, por vezes, muito reduzido; é, segundo López Mullor (2008, p. 345), “uma das formas mais característica das produções ebusitanas” e de grande expansão mediterrânea ocidental: litoral da Península Ibérica, de Marrocos, Argélia e Tunísia, Península Itálica e Sicília. É datada da segunda metade do século I a.C. (López Mullor, 2008, p. 345 e 348).

No Castelo da Lousa, esta variante é rara e a sua produção foi localizada em Ibiza (Morais, 2010, Quadro 5).

FORMA MAYET IV

A classificação na forma Mayet IV (= Ricci 1/41- 42) do nosso exemplar n^o 50 baseia-se apenas no perfil de bordo, visto não possuímos fragmento do bojo que apresente vestígios das asas próprias desta forma. O bordo é, em geral, muito baixo, inclinado para o exterior, internamente côncavo e mostrando, por vezes, ligeiro espessamento externo convexo. López Mullor (2013, p. 174) propõe uma cronologia compreendida entre 70/60 a.C. e a época de Nero.

No Castelo da Lousa, este tipo é raro; a sua origem foi situada nas Baleares e a cronologia, localizada entre o segundo quartel do século I a.C. e o segundo quartel do século I d.C. (Morais, 2010, Quadro V).

Em Chibanes está patente apenas nos níveis da Fase IIIB.

FORMA MAYET VIII

Um fragmento de bordo (n^o 51) exumado de nível da Fase III B, pelo seu perfil alto, ligeiramente inclinado para o exterior e de concavidade interna muito pouco acentuada – poderia ter pertencido a um copo da Forma Mayet VIII, variante C (= Ricci 1/193). Forma, sem dúvida, de origem hispânica segundo López Mullor (2013, p. 174), teria sido produzida na segunda metade do século I a.C. e nos primeiros decénios do século I d.C. (López Mullor, 2008, p. 348).

No que se refere aos fragmentos de fundos, cuja tipologia é muito difícil de determinar, pois, a mesma morfologia de fundo pode corresponder a distintos tipos, propomos com muitas reservas:

Para os exemplares provenientes de níveis da Fase III A, as Formas Mayet I (n^o 17), II (n^{os} 18 e 19), III (n^{os} 20-25).

Para exemplares exumados de níveis da Fase IIIB, as Formas Mayet I (n^{os} 52 -55), II (n^{os} 56-64) e III (n^{os} 65-81, podendo pertencer à variante IIIB os n^{os} 67-81).

Oito fragmentos atribuíveis às Formas Mayet I ou II (n^{os} 53, 54 e 56) e IIIB (n^{os} 71 e 78-81) possuem, na zona central do fundo, uma rodela de pasta de cor que varia entre o vermelho sobre fundo rosado e o cinzento escuro sobre fundo bege ou rosa. Esta característica tem paralelos em fragmentos de fundo pertencentes ao tipo Mayet VIII C procedentes do Castelo da Lousa e considerados por R. Morais (2010, p. 160) de produção do sul da *Hispania* e datáveis de meados a finais do século I a.C. (Morais, 2010, p. 160). Esta característica foi também identificada na Cabeça de Vaiamonte (Pereira, 2018).

Quadro 1 - Chibanes. Paredes finas por fases de ocupação.

Exemp.	Fases de Ocupação							
	III A		III B		Ind **		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Bordo	22	36,1	41	34,7	17	42,5	80	36,5
Fundo	11	18,0	38	32,2	13	32,5	62	28,3
Outros*	28	45,9	39	33,1	10	25,0	77	35,2
Total	61	100,0	118	100,0	40	100,0	219	100,0

* Paredes, carenas e asas.

** Camadas superficiais.

Quadro 2 - Chibanes. Tipologia das paredes finas por fases de ocupação.

Tipo	Fases de ocupação					
	III A		III B		Total	
	NMI	%	NMI	%	NMI	%
Mayet I	3	13,6	3	7,3	6	9,5
Mayet II	8	36,4	5	12,2	13	20,6
Ricci 1/14	5	22,7	5	12,2	10	15,9
Ricci 1/12	2	9,1			2	3,2
Ricci 1/194	1	4,5			1	1,6
Mayet III	6	27,3	18	43,9	24	38,1
Ricci 1/20	5	22,7	7	17,1	12	19,0
Ricci 1/16			2	4,9	2	3,2
Mayet IIIB			3	7,3	3	4,8
Variante ind.	1	4,55	6	14,6	7	11,1
Mayet IV			1	2,4	1	1,6
Mayet VIII			1	2,4	1	1,6
Ind.	5	22,7	13	31,7	18	28,6
Total	22	100	41	100	63	100

A decoração está presente em dois pequenos fragmentos de bojo de tipo indeterminado (nº 82) descobertos em nível da Fase IIIB. Trata-se de fiadas horizontais de espinhas em barbotina dispostas verticalmente e muito juntas.

4. Considerações finais

Da análise da cerâmica de paredes finas de Chibanes importa destacar o seguinte:

a) A diferença quantitativa entre as Fases IIIA e IIIB. – Para áreas de escavação muito semelhantes, a primeira forneceu um NMI = 22, enquanto a segunda, um NMI = 41, o que está de acordo com o progressivo aumento do processo de romanização, visto estarmos perante a aquisição de novos hábitos alimentares com o uso de copos para o consumo de vinho.

b) A diferença tipológica entre as paredes finas dos níveis da Fase IIIA e as dos níveis da Fase IIIB. – Nas camadas da primeira fase estão presentes copos das Formas Mayet I, II (Ricci 1/14), IIA (Ricci 1/12), III (Ricci 1/20). Predominam largamente os da Forma Mayet II (NMI = 8 - 36,4%). Nos níveis da Fase IIIB aumenta a diversidade tipológica, surgindo formas de produção mais tardia; predomina a Forma Mayet III (NMI = 18 - 43,9%), nas variantes Ricci 1/16, 1/20 e Mayet IIIB.

Como vimos no ponto 1 deste capítulo, a primeira daquelas fases tem sido datada do período compreendido entre os finais do século II a.C. e o fim das guerras sertorianas, e a Fase IIIB, do segundo quartel e meados do século I a.C. As datações atribuídas às formas de paredes finas dos níveis da Fase IIIA não invalidam a cronologia proposta para esta fase.

Quanto aos indivíduos provenientes da Fase IIIB, o número relativamente elevado de bordos e fundos pertencentes, por hipótese, à Forma Mayet IIIB, bem como a existência, na zona central do fundo de alguns copos de uma rodela de pasta de cor diferente da do respectivo recipiente, característica considerada de produção do sul da *Hispania* da segunda metade do século I a.C. (cf. Morais, 2010, p. 160), leva-nos a propor para o final da segunda fase de ocupação romano-republicana de Chibanes, e atendendo às cronologias sugeridas pelo estudo de outros materiais (cf. Caps. X, XIII, XIV, XVII e XVIII) os anos 40/30 do século I a.C.

Referências bibliográficas

- Alemán Izquierdo, J. C. (2019) – Producciones de cerámica romana de paredes finas en la fachada oriental peninsular. *Diacromia*, 1, p. 47-63.
- Angeja, P. E. (2017) – *A cerâmica de paredes finas do Castelo de Castro Marim*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Angeja, P. E.; Arruda, A. M. (2020) – A ocupação tardo-republicana do Castelo de Castro Marim: O contributo da cerâmica de paredes finas para a sua caracterização. In *Homenage al Dr Alberto López Mullor. Estudios sobre cerámica i arqueologia de l'arquitectura*. Barcelona, p. 11- 122.
- Arruda, A. M.; Sousa, E. de (2003) – Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (1), p. 235-286
- Fabião, C. (1998) – O vinho na lusitânia. Reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1, p. 169-198.
- Faga, I. (2010) – Vosi a pareti sottili del porto di Neapolis: tecnologia e archeometria. *Rivista di Archeologia*, 34, p. 159-176.
- López Mullor, A. (1990) – *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Zaragoza: Libros Portico.
- López Mullor, A. (2008) – Las cerámicas romanas de paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares. In D. Bernal, A. Ribera i Lacomba (coords.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 343-383.
- López Mullor, A. (2013) – Las cerámicas romanas de Paredes Finas del final de la República Romana y el período Augusto-Tiberiano. In A. Ribera i Lacomba (coord.), *Manual de cerámica romana del mundo helenístico al Imperio Romano*. Madrid: Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, p.149-496.
- Marabini Moevs, M. T. (1973) – *The Roman Thin Walled Pottery from Cosa (1948-1954)* (Memoirs of the American Academy in Rome, 32). Rome: American Academy in Rome.
- Mayet, F. (1975) – *Les céramiques a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Centre Pierre Paris.
- Morais, R. (2010) – Cerâmica de paredes finas, In J. Alarcão, P. C. Carvalho, A. Gonçalves (coord.), *Castelo da Lousa. Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 153-172.
- Pereira, T. R. (2018) – *O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaiamonte (Monforte) como estudo de caso*. Tese de doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ricci, A. (1985) – Ceramica a pareti sottili. *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero)*. Roma: Instituto della Enciclopedia Italiana, p. 231-357.
- Sepúlveda, E. de ; Bolila, C.; Ferreira, M. (2018) – Cerâmicas de paredes finas de *Salacia Urbs Imperatoria*. Recolhas de prospecção arqueológica. In J. Soares (coord.), *Arqueologia Urbana e História Local. Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho* (Musa. Museus, Arqueologia y Outros Patrimónios, 5), p. 39-50.
- Sousa, E. de; Arruda, A. M. (2018) – A cerâmica de paredes finas de Monte Molião (Lagos, Portugal). *CuPAUAM*, 44, p. 201-226.

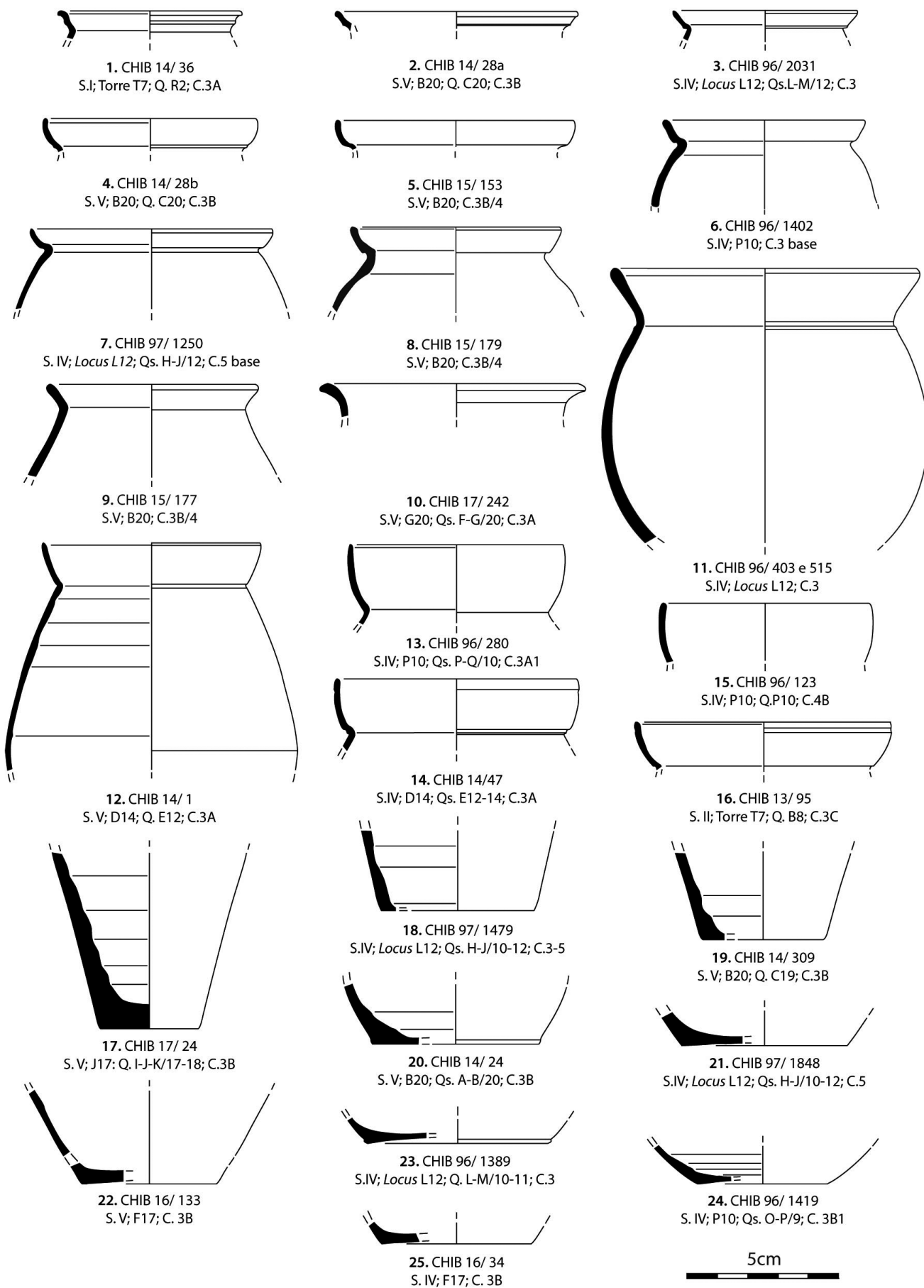


Fig. 1 - Chibanes. Cerâmica de paredes finas exumada de níveis da Fase IIIA. Desenhos de Teresa R. Pereira.

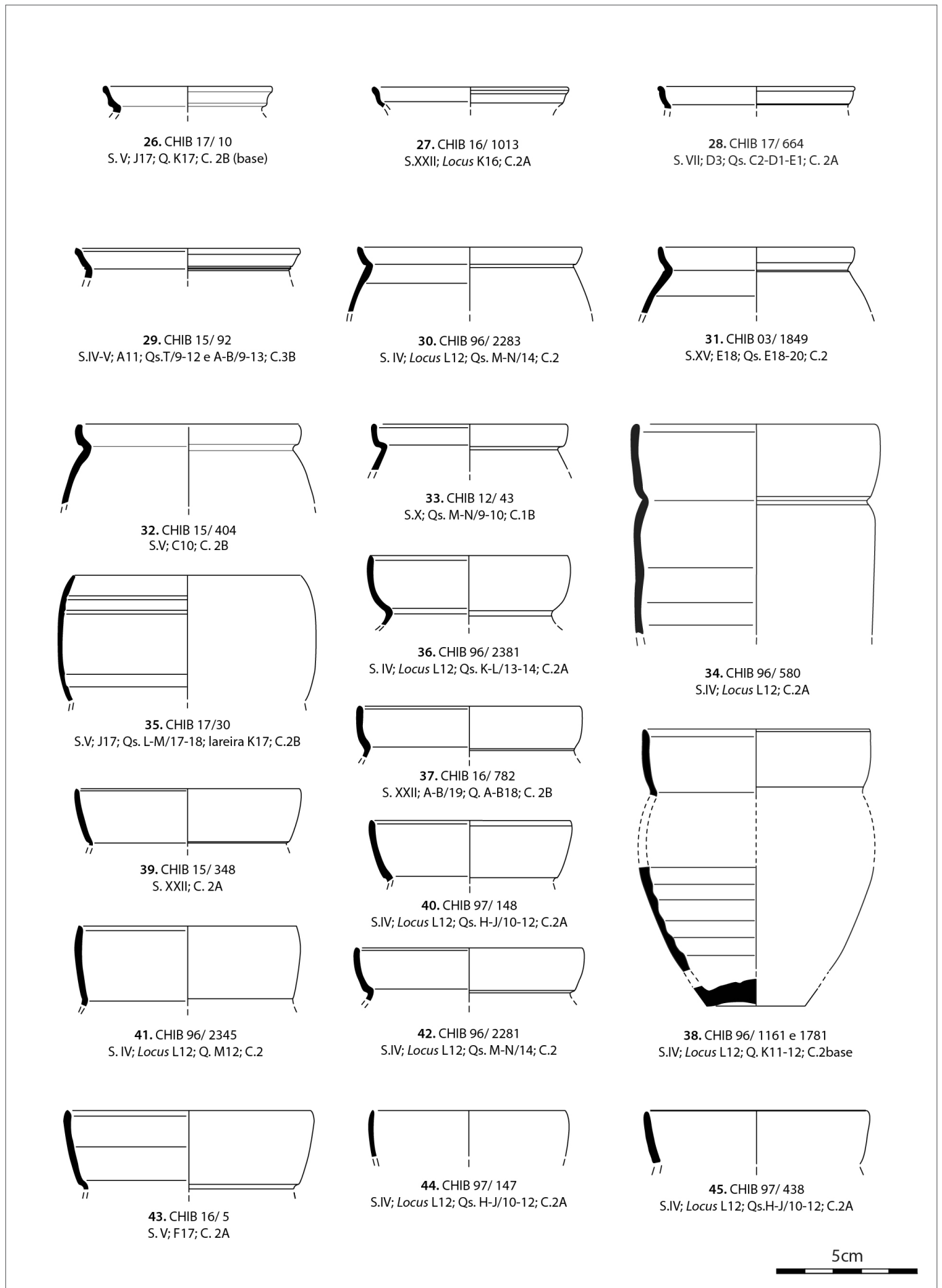
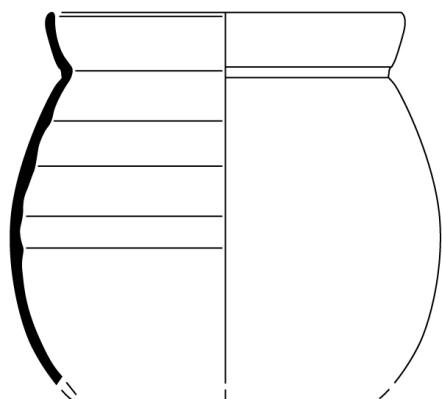
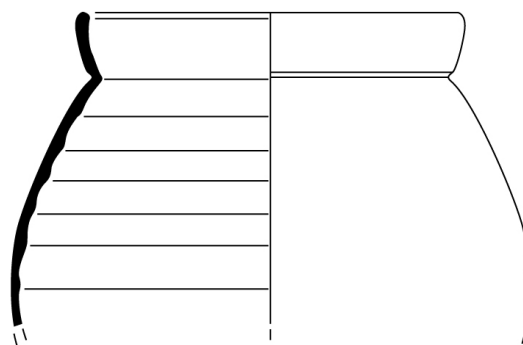


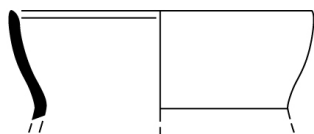
Fig. 2 - Chibanes. Cerâmica de paredes finas exumada de níveis da Fase III B. Desenhos de Teresa R. Pereira.



47. CHIB 16/ 928
S.XX; N16; Q. N15; C.2C



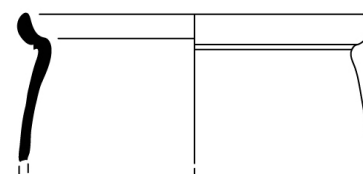
48. CHIB 16/1019
S.XXII; M11; Q.K11; C.2B



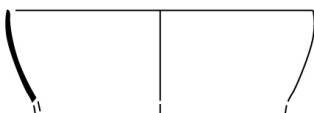
46. CHIB 96/ 2740
S. IV; Locus L12; Qs. K-L/13-14; C.2B



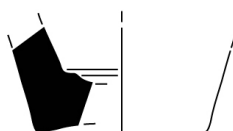
49. CHIB 98/ 136
S. IV; H7; Q. H5; C. 2A



50. CHIB 97/ 440
S.IV; Locus L12; Q.J11; C.2B



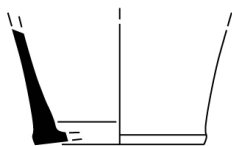
51. CHIB 97/ 1352
S. IV; Locus L12; Q. H11; C.2A



52. CHIB 15/ 861
S.V; D14; C.2A



55. CHIB 16/ 433
S. V; R14; Q. S-T/12; C. 2B



57. CHIB 97/ 998
S.IV; Locus L12; Qs. H-I-J/10-11-12; C. 2A



58. CHIB 15/ 325
S. XXII, C. 1B



59. CHIB 97/ 397
S.IV; Locus L12; Q. H10; C.2B



60. CHIB 16/ 1420
S. V; D14; C. 2B



61. CHIB 15/ 831
S.IV-V; A11; C.3B



62. CHIB 15/ 763
S. IV-V; A11; Qs.T-B/10-12; C.2C

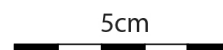


Fig. 3 - Chibanes. Cerâmica de paredes finas exumada de níveis da Fase IIIB. Desenhos de Teresa R. Pereira.

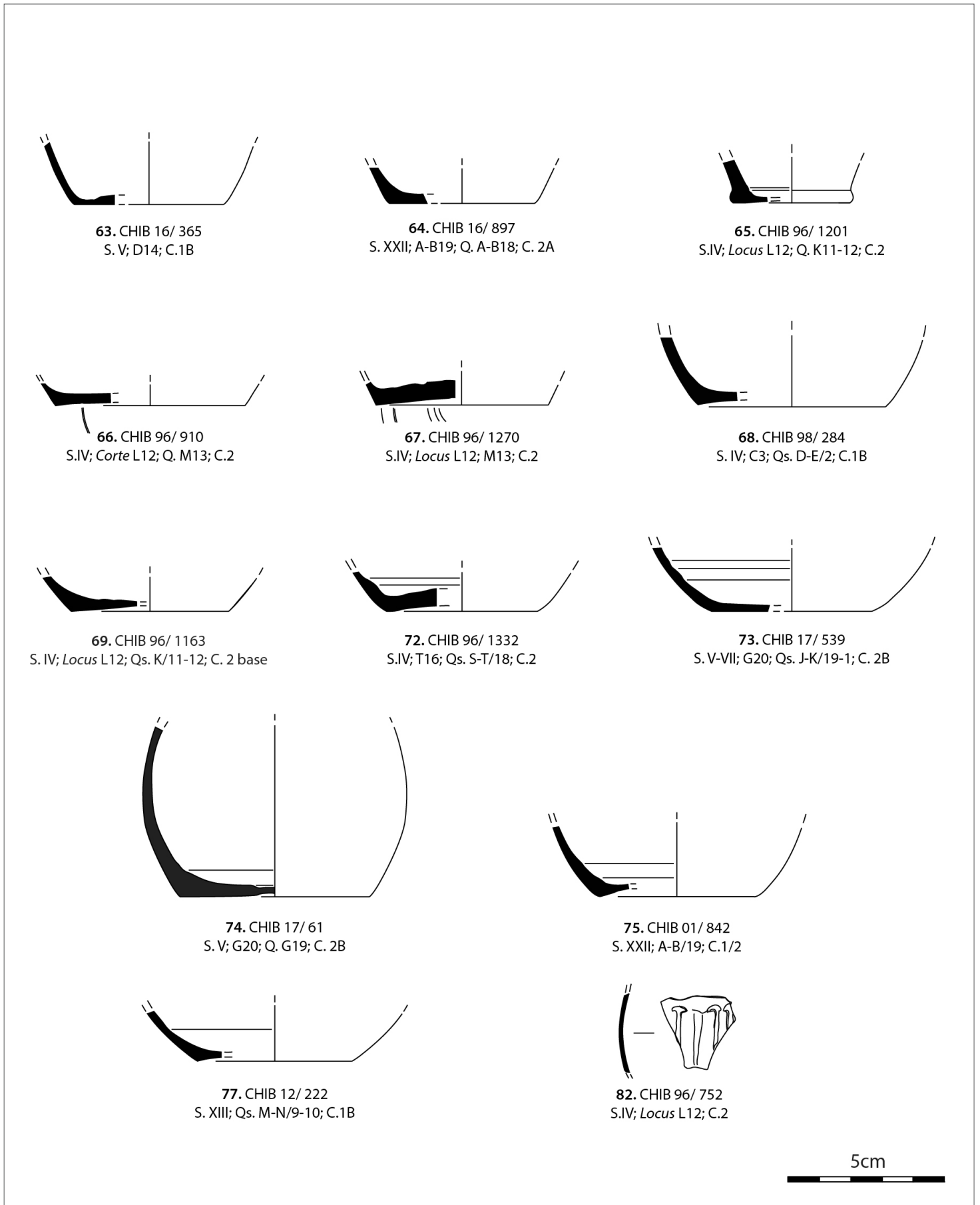


Fig. 4 - Chibanes. Cerâmica de paredes finas exumada de níveis da Fase IIIB. Desenhos de Teresa R. Pereira.

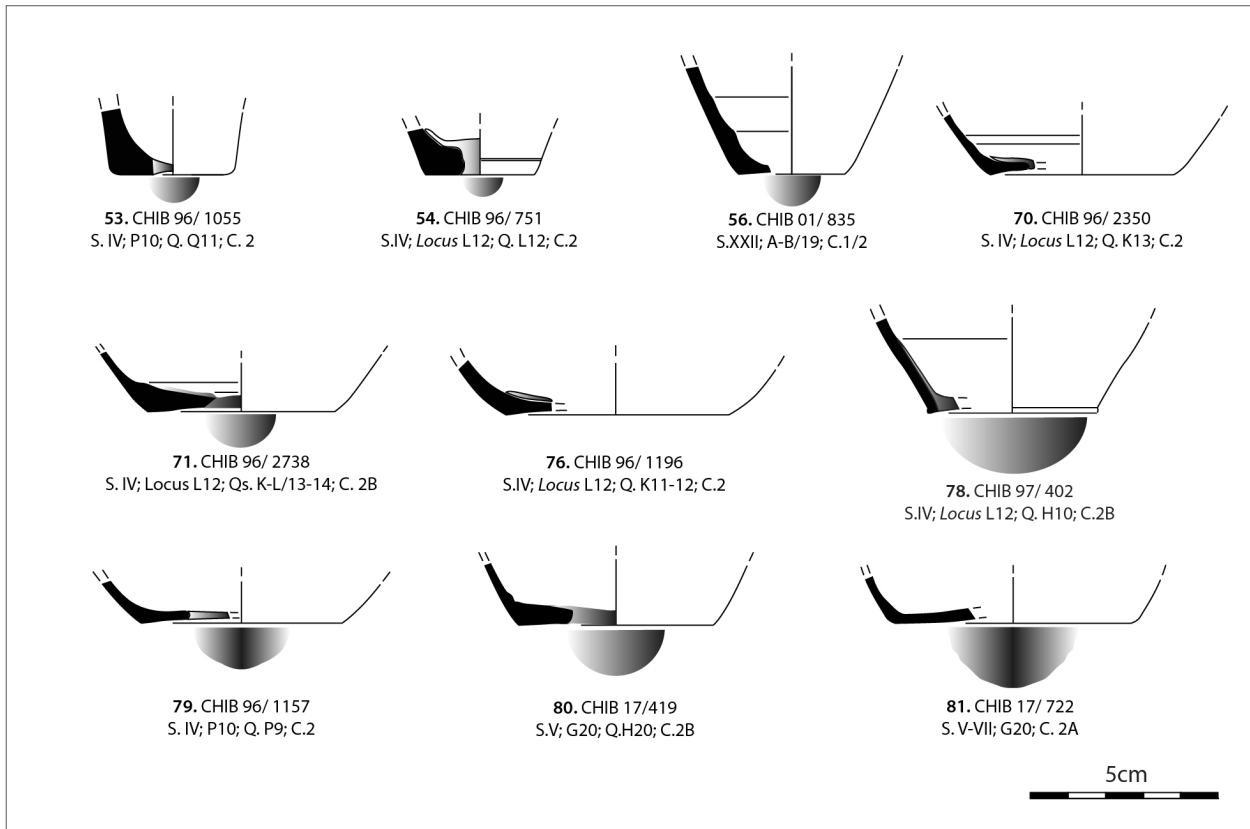


Fig. 5 - Chibanes. Cerâmica de paredes finas exumada de níveis da Fase IIIB, com rodela de pasta de cor e textura diferentes das do fundo. Desenhos de Teresa R. Pereira.

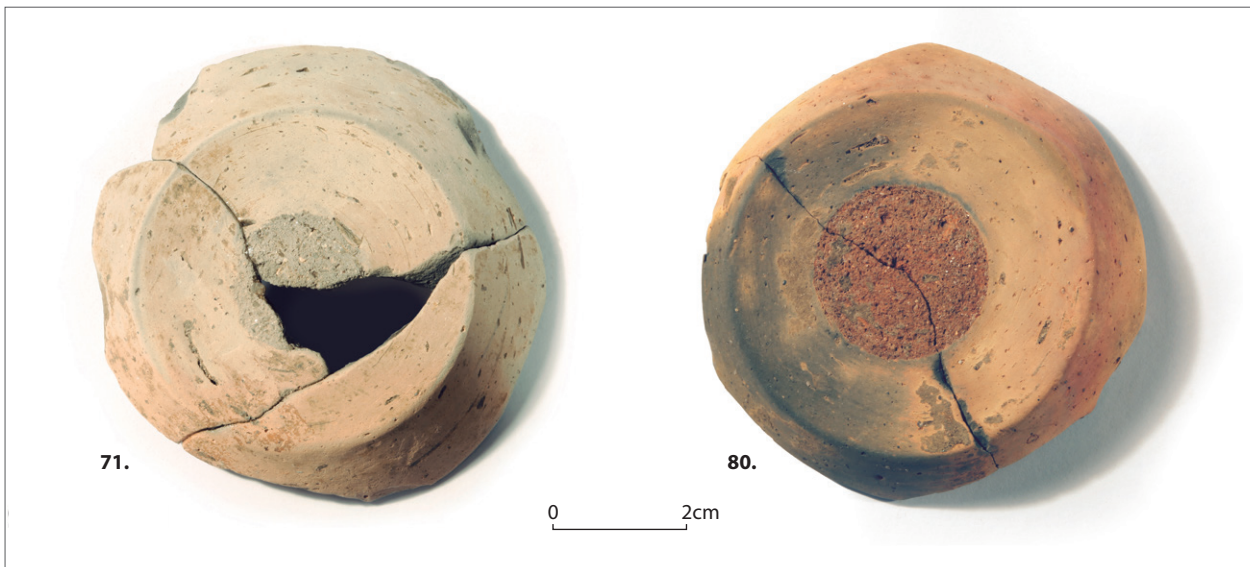


Fig. 6 - Chibanes. Foto dos fundos das peças 71 (CHIB 96/2738) e 80 (CHIB 17/419).